

EM CASO DE NÃO UTILIZAÇÃO, DEVOLVA ESTA FOTOCÓPIA A DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO

Distribuição restrita aos

Classificação:

Gabinetes e Secretário-Geral

Distribuição:

**PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS**

Secretaria-Geral

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO

Publicação Leita Periodicidade \_\_\_\_\_

Dia 14/12/78 Pág.(s) 1, 12 e 13 Tendência política \_\_\_\_\_



**A EUROPA <sup>Leita</sup>  
DO AFRONTAMENTO <sup>14.11.78</sup>  
PROCURA <sup>P. 1</sup>  
A FRATERNIDADE**

Maria de Lurdes Pintassilgo, embaixador de Portugal junto da UNESCO, falou sobre as divisões da Europa, num encontro promovido pelo "Office Franco-Allemand pour la Jeunesse". Desse debate damos conta nas páginas centrais

Fundação para o Cuidar o Futuro



viro de cheques de uma moeda nova — o "Deutschliar" — cheio de carimbos de multinacionais e representando claramente a procuração do imperialismo económico do outro lado do Atlântico.

O relógio esteve presente, como alternativa, no projecto de prenda da delegação portuguesa à RFA, que chegou a pensar em fazer uma boneca de trapo com um mostrador no lugar da cabeça, mas acabou por oferecer uma tuba vestida de alemão, com uma caneca de cerveja, significando uma outra arte de viver, a do exterior, a que se descobre nas grandes festas de Verão nos rios alemães, nos barcos de turismo com as ruidosas bandas de sopro tão do agrado local; e uma imitação de um livro espesso, com um título que dizia, mais ou menos, "Breve introdução à abordagem dos prolegómenos do problema da Transcendência e da Imanência".

É curioso, ainda em termos de imagem, que uma cultura latina, com reputação de machismo, tenha acabado por ser representada, neste encontro do "Office Franco-Allemand", por duas mulheres portuguesas, ambas com um nome feito nos meios intelectuais do seu país e responsabilidades assumidas a nível oficial: Maria de Lurdes Pintassilgo, recentemente em foco a propósito da discussão, na UNESCO, da declaração sobre meios de Comunicação Social; e Teresa Santa Clara Gomes, que dirigiu a Secretaria de Estado da Cultura, no governo anterior e se integrou nesta reunião como participante, permitindo especialmente o grupo que discutia o tema preciso das "Fronteiras Políticas e Culturais".

#### "EMIGRADOS NO TEMPO"

Falou-se no início de dois encontros, ambos europeus e interessados na diferença entre germânicos e latinos; vale a pena explicar melhor e sublinhar uma outra característica que permitiu aguçar os debates em determinado sentido de identidade cultural: tratou-se de reuniões organizadas por instituições protestantes.

A primeira, levada a efeito, nos dias 2 e 3 de Dezembro, na Faculdade Livre de Teologia Protestante de Paris, pôs em contacto cerca de vinte estudantes das Faculdades de Teologia da "Église Réformée", da "Facoltà Valdese", de Roma, do "Seminário Evangélico Unido", de Madrid e do "Seminário Evangélico de Teologia" de Lisboa, com o objectivo de procurar pontos comuns e coordenar melhor a colaboração entre todos.

Quanto ao "Office Franco-Allemand pour la Jeunesse", é um organismo estatal, dos dois países, portanto, não-confessional, mas que promove regularmente encontros de juventude que são depois realizados por instituições culturais, desportivas, religiosas ou ou-

tras. Há mais congressos desta natureza, ao longo do ano, entre jovens católicos franceses e alemães, ou entre representantes de organizações laicas. Esta reunião de Melun — La Rochette era a que competia aos departamentos de juventude protestante dos dois lados. Do grupo português faziam parte três estudantes do "Seminário Evangélico de Teologia" que tinham estado no primeiro encontro, em Paris.

Um ponto comum, sentido em ambas as reuniões: há uma crise de identidade dos protestantes em países latinos, conscientes da sua posição minoritária, da sua "diáspora" e, em determinados casos, da sua situação quase "colonial" em relação às poderosas organizações missionárias estrangeiras que financiam e acabam por dirigir as igrejas locais.

Mesmo na França e na Itália, onde houve uma Reforma histórica e onde calvinistas e valdenses podem reivindicar uma sucessão, ainda que quebrada aqui e acolá, um protestante sente o seu isolamento e a sua dispersão, em relação à cultura dominante. Na Espanha, onde o próprio direito de celebrar um culto "concorrente" ao da Igreja Católica é uma conquista muito recente, todo o protestante tem, antes do mais, uma memória de resistência. Em Portugal, finalmente, onde a convivência se faz há muito mais tempo sem conflitos graves, a maioria das Igrejas tem ainda por fazer a sua difícil "descolonização" das juntas missionárias estrangeiras que estiveram na respectiva origem (há importantes laços com instituições norte-americanas, no caso dos baptistas, suecas no dos pentecostais, francesas e suíças no dos presbiterianos, inglesas no dos metodistas).

Isto não significa que o comportamento das Igrejas missionárias do exterior afine todo pelo paternalismo, havendo casos de natureza muito diferente.

É interessante, também neste aspecto, que as especialistas portuguesas na reunião do "Office Franco-Allemand", e cujos nomes foram sugeridos pelos protestantes do lado português da organização, fossem católicas, embora de uma "sensibilidade" que não é exactamente a mesma da hierarquia tradicional. Aliás, Maria de Lurdes Pintassilgo situou a questão da "diáspora" protestante em dimensões um pouco mais amplas, lembrando que, no fundo, todos os cristãos estão hoje em "diáspora", ou, a citar uma expressão de Margaret Mead, são "emigrados no tempo", vivendo num século que já não parece o seu, enquanto se continuam a servir de expressões fixadas noutra era...

#### MIGRAÇÕES, DESENRAIZAMENTO E EXPLORAÇÃO

Será desnecessário dizer que em nenhuma das reuniões foi resolvido o problema das tensões entre germânicos e latinos, nem tal se esperava

possível. O debate permitiu, talvez, iluminar uma situação que não é definida tanto pela raça ou pela língua ou pela igreja dominante, como pelo desnível económico e especialmente pela posição relativa dos centros de decisão.

Como foi salientado de forma gráfica pelos participantes do lado francês, nesta difícil Europa é no norte que estão os centros de decisão que dizem como é que as coisas devem ser feitas, Maria de Lurdes Pintassilgo globalizou este diagnóstico, falando de hemisfério norte e hemisfério sul, e lembrou que "mesmo a nossa presença aqui depende de uma exploração dos povos do sul".

No grupo de trabalho que se debruçava especialmente sobre estas questões, o diálogo pôde mesmo ser bastante vivo, entre Rudolf Freudenberger, um pastor evangélico alemão formado em História e bem actualizado sobre todos estes problemas, e Olivier Jeanne

responsável pelo centro ACM de Sommières, um "sulista" francês muito sensível à degradação da vida mediterrânica causada pelo "colonialismo" turístico dos povos do norte.

O facto é que, como sublinhou Rudolf Freudenberger, a "descompressão" rumo ao sul, que em termos turísticos é óbvia e faz com que a população de determinados centros de veraneio espanhóis seja, durante uma parte cada vez mais longa do ano, fortemente alemã, está a alargar-se a outras formas de actividade. Os turistas ricos que vêm para o sul e os trabalhadores pobres que emigram para o norte já não esgotam o quadro: agora são as próprias indústrias que vêm implantar-se no sul, à procura de um clima que dispensa os excessivos gastos de energia. Nos EUA, é a troca do "snow belt" pelo "sun belt", com a decadência dos grandes centros industriais da linha Nova York-Chicago.

Falou-se muito da identidade local, do desenraizamento, das migrações que dividem e confundem uma Europa que parece cada vez menos integrada.

Trata-se, no fundo, de luta de classes, e Maria de Lurdes Pintassilgo sublinhou, concordando com o esquema gráfico desenhado pelo grupo francês, que é o norte que tem a iniciativa e exporta, além de tudo o mais, o tipo de homem a impor às sociedades veneradoras e



CONTINUAR

obrigadas do sul. Com a agravante de que, nestas, as classes dirigentes acabam frequentemente por ceder à tentação e fazer opções egoístas, candidatando-se à sua parte do bolo e tentando esquecer tudo o que isso implica.

Ironia final, a "prenda" da RFA à Espanha era um mapa em que a costa do sul aparecia desfigurada por hotéis estretando o espaço real onde vivem os espanhóis... — hotéis esses que foram, afinal, em grande número, construídos precisamente com capitais da RFA.

Era também significativa a "prenda" da RFA ao nosso país: o "barco" Portugal largando de África e sendo recebido, na Europa, por um farol que projecta sobre o mar o convite iluminado de "willkommen" (Bem-vindos). A delegação explicou que o cais é pouco acolhedor, é de betão, significa o muito trabalho que é preciso para entrar na Europa...

Daqui passa-se à discussão sobre a origem do capitalismo. Por que razão haviam os povos do sul de ser uma espécie de proletariado permanente dos burgueses do norte? Em termos filosóficos, como lembrou ainda Rudolf Freudenberger, voltamos à velha disputa entre Max Weber e Karl Marx sobre a in-

fluência da ética calvinista do trabalho na gênese do capitalismo moderno, que ainda suscita comentários contraditórios e que acaba por ser um pouco a questão da galinha e do ovo... Noutros termos, as Igrejas são espelho ou motor do seu tempo?

Este debate, alargado a todas as formas de consciência cultural, interessou particularmente Teresa Santa Clara Gomes, que no grupo de trabalho em que participou fez um esforço no sentido de chamar a atenção para as coordenadas culturais da vida, muitas vezes preteridas, entre nós, e de uma maneira unilateral, em favor das políticas.

"A cultura — disse — é simultaneamente sedimento e ponto de partida para definir e reforçar a identidade. Mas é também um tender para, um sistema de valores".

Fica a questão possível: até que ponto grandes opções políticas, de tipo colectivo, serão condicionadas por diferentes matrizes culturais?

### O "SOCIALISMO REAL" E O SOCIALISMO A CONSTRUIR

Pôs-se assim também, e de forma muito clara, a questão do Socialismo. A discussão Norte-Sul cruzou-se sistematicamente com outra, Leste-Occidente, que corrigia aquela e a ajudava

a compreender. A presença de três alemães da RDA animou um debate muito vivo, em que, aliás, eles não estiveram sós (a maioria dos participantes das delegações latinas defendeu explicitamente formas de Socialismo, ainda que não coincidentes com o modelo ali representado).

Não foi um diálogo fácil. Os membros da delegação da RDA tomaram, por vezes, posições tão rígidas e acrílicas, em defesa do sistema político do seu país, que quase conseguiram unificar contra si o campo "occidental": Udo Münnich, por exemplo, que trabalha num hospital de Leipzig e é militante sindical, definiu com muita franqueza as coordenadas do sistema que apresentou como o "socialismo real":

"O importante — disse — não é tanto como as decisões são tomadas, mas no interesse de quem."

Para ele, e repetidamente se serviu desta expressão, o grande problema do Estado, na RDA, é "consciencializar" as pessoas. Aqueles que já têm essa "consciência" dirigem e organizam o Estado, e compete-lhes "consciencializar" os restantes "Esta é a nossa democracia" — afirmou.

Ficou patente que uma gran-



Maria de Lurdes Pintassilgo no encontro promovido pelo "Office Franco-Allemand": a consciência de uma injustiça global



Maria de Lurdes Pintassilgo falando no encontro, em Melun — La Rochette, vendo-se em primeiro plano a delegação portuguesa, com Teresa Santa Clara Gomes



de maioria dos alemães da RDA está ainda longe da "consciência", pelo que o partido faz um grande esforço para lutar contra a sua vulnerabilidade moral e política. Tanto a Udo como aos dois outros elementos da delegação, um pastor luterano e outro metodista, admitiram que a consciência socialista dos trabalhadores da RDA é muito susceptível à enorme massa de propaganda colorida através da qual a Televisão do lado ocidental lhes enche as cabeças com a face polida da sociedade de consumo, todas as noites, depois do trabalho.

As discussões que se seguiram permitiam melhorar a compreensão mútua. Pareceu claro, no fim do encontro, que eles tinham também sobreja "consciência" das limitações do seu sistema, sobretudo, da estreiteza dos canais do diálogo consentido entre o cidadão e o seu Estado, e punham a esperança numa evolução que está em curso e num debate político que não vinham expor ali, por disciplina de lavar a sua roupa na própria casa...

Maria de Lurdes Pintassilgo, aliás, foi explícita neste ponto:

"O Socialismo ainda está por construir no sentido da participação e da fraternidade, embora já exista como satisfação de algumas necessidades fundamentais."

Esclareceu que a situação histórica que vivemos é confusa e mesmo chocante neste aspecto: a diferença entre as sociedades já "socialistas" e as outras perde-se bastante nos meandros da cooperação económica, onde se passam coisas que não têm nada a ver com o discurso político oficial. Há uma ideologia universal de mercado, senão no interior, pelo menos no exterior dos próprios países que se reclamam do Socialismo.

O que não invalida que — afirmou — "assim como o mundo acabou por aceitar a Revolução Francesa, terá que aceitar a de Outubro, por muito que neste momento ela seja objecto de alijamento. São nome

sentido, as duas, as revoluções fundadoras..."

Quando Jean-Luc Crapoulet, um dirigente francês das Associações Cristãs da Mocidade, lhe pôs a questão de coerência entre uma mensagem evangélica de partilha e Igrejas claramente arreigadas noutra prática, Maria de Lurdes Pintassilgo formulou o problema em termos de uma ética pessoal muito exigente, que só tem o direito de expor a teoria a partir da prática diária, "em vez de ficar à espera de uma Revolução que afinal se tenta travar..." Ou, na linguagem específica do Evangelho: "não temos vivido a prática cristã implícita na doutrina da Encarnação"...

Para Teresa Santa Clara Gomes, o mais interessante no encontro foi precisamente o contacto com pessoas que "representam comunidades com uma opção cristã muito viva e política e socialmente muito comprometida", o que "suprimiu a não é tão conhecido em Portugal", onde o complexo da culpa histórico da Cristandade bloqueia às vezes os que afinal menos lhe cederam nas suas vidas.

Essa exigência foi a nota dominante no culto final, dirigido precisamente pelos cristãos da delegação da RDA. O pastor metodista Wolfgang Ruhnow apresentou como objecto de meditação uma gravura de um artista cristão do seu país, intitulada "Job", e recordou os traços dessa figura bíblica, em termos que tinham claramente a ver com o que se tinha discutido:

"O livro de Job é para mim positivo — disse — não por ter um "happy-end" mas porque põe questões radicais. Job põe-se em questão, a si e a Deus. O homem descrito no livro de Job é o homem ameaçado pela resignação, de um lado, e pelas declarações dogmáticas dos seus amigos, por outro. A fé de Job, que não é formulada de maneira exacta, torna-o capaz de continuar o caminho, defendendo-o, sobretudo, das respostas fáceis."